



Semana de 17 a 28 de maio de 2021.

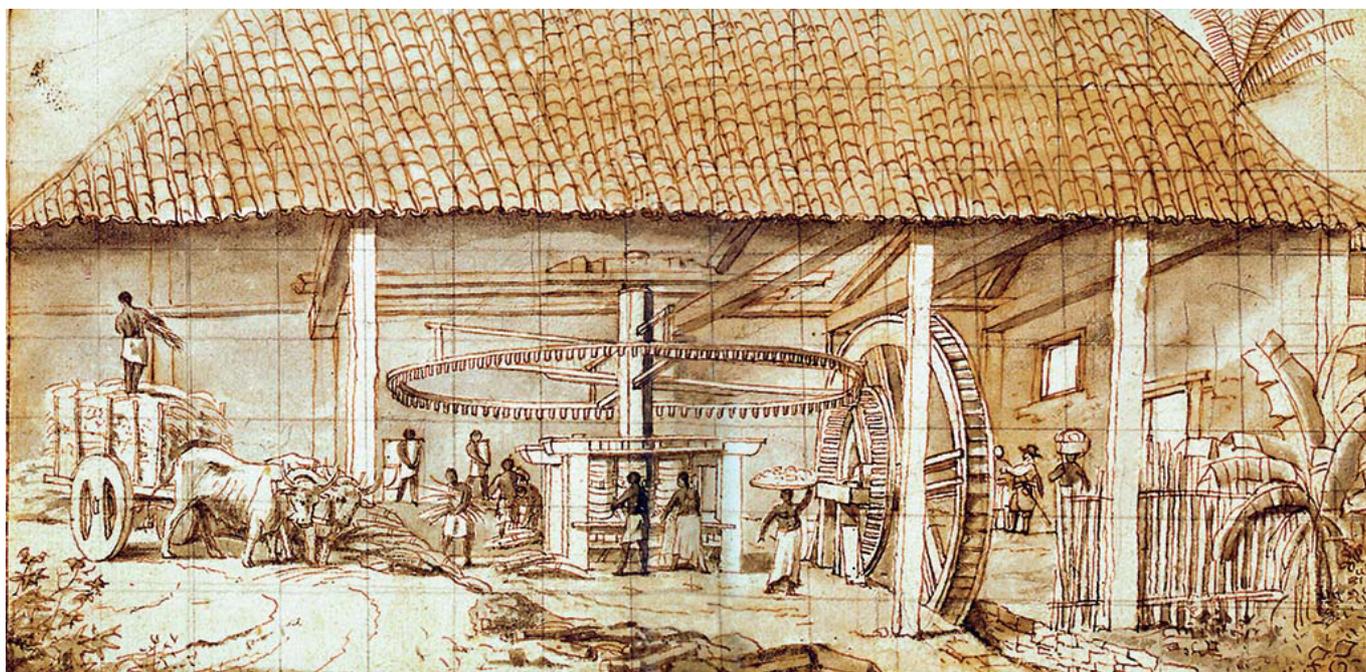
Unidade escolar: EMEF Caio Fernando Gomes Pereira	
Componente curricular: História	
Professor: Manoel Messias Oliveira dos Santos	
Aluno (a):	Série: 7º ano

Texto: A lavoura canavieira.

Como colônia de Portugal, o Brasil deveria dar lucros e atender às necessidades do rei, dos nobres e dos comerciantes da Metrópole. No século XVI, como aqui não se descobriram riquezas minerais (ouro, prata ou pedras preciosas), a Coroa decidiu incentivar a produção de açúcar, que apresentava bons preços e consumo crescente na Europa. Além disso, os portugueses possuíam experiência nessa lavoura, e o Brasil apresentava condições favoráveis: muita terra, solo fértil, clima quente e úmido. Em quase todas as capitanias, implantaram-se canaviais e engenhos, mas muitos fracassaram. Por volta de 1550, somente São Vicente, Porto Seguro, Ilhéus e, principalmente, Bahia e Pernambuco tinham uma produção significativa.

Para garantir o máximo de rendimento e atender ao mercado externo, plantava-se quase exclusivamente cana-de-açúcar, em grande quantidade (monocultura). A lavoura canavieira demandava grandes extensões de terras: os latifúndios. O rei de Portugal autorizou os donatários e os governadores-gerais a doarem sesmarias para a implantação da agricultura extensiva de cana somente àqueles colonos cristãos que tivessem recursos para explorá-los. Os custos para instalar uma fazenda de cana eram altos. O colono português devia pagar sua viagem ao Brasil, os gastos com a construção da casa-grande, da senzala e do engenho, o maquinário e as ferramentas, as mudas de cana e a mão de obra. Tinha também de garantir seu sustento e de seus trabalhadores durante os meses que esperava até a colheita, a produção e a venda do açúcar.

O engenho compreendia as máquinas e as instalações em que o açúcar e a aguardente (pinga) eram fabricados. Além disso, incluía equipamentos caros, como moendas, vasilhas de cobre e fornalhas. Eram usados, também, animais de tração (bois) para transportar a cana até o engenho e para movimentar as moendas e muita lenha para alimentar as fornalhas, onde se cozinhava o caldo de cana. No engenho, além dos escravos, trabalhavam alguns assalariados, técnicos especializados, como o mestre de açúcar e o feitor-mor. Poucos colonos possuíam capital para montar um engenho. A maioria, mesmo dispendo de grandes extensões de terra e de muitos escravos, ocupava-se apenas do plantio da cana-de-açúcar, dependendo dos senhores de engenho para moê-la.



Engenho colonial de Frans Post:

<http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/america-portuguesa/80-ocupa%C3%A7%C3%A3o-litor%C3%A2nea/8733-o-engenho-colonial>

Atividade 1, dias 17 a 21 de maio de 2021:

- 1) Por que a Coroa portuguesa escolheu a cana de açúcar para produção no Brasil colônia?
- 2) Por que era caro instalar o engenho de açúcar no Brasil colônia?
- 3) Quais eram as capitânicas que tinham lavoura de cana em meados do século XVI?
- 4) Quem trabalhava nos engenhos de açúcar?

Atividade 1, dias 24 a 28 de maio de 2021:

- 1) Como os colonos com pouco dinheiro conseguiam produzir açúcar na época colonial?
- 2) Quais eram os elementos que faziam parte do engenho no Brasil colonial?
- 3) Escreva uma frase de 3 a 5 linhas sobre a lavoura canavieira usando as seguintes palavras: **latifúndio / monocultura / casa-grande / senzala**.

BIBLIOGRAFIA

DOMINGUES, J. E. *História em documento: imagem e texto*. 2ª ed. (7º ano). São Paulo: FTD, 2012.

Engenho colonial de Frans Post: <http://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/estude/historia-do-brasil/america-portuguesa/80-ocupa%C3%A7%C3%A3o-litor%C3%A2nea/8733-o-engenho-colonial> (Acesso em: 14/08/2020)

Obs.: Explicações, orientações e esclarecimentos de dúvidas estão ocorrendo via Google Meet e WhatsApp.